

**PROJETO DE ASSISTÊNCIA À DOCÊNCIA: UMA EXPERIÊNCIA
INTERCULTURAL – DA ESCOLA URBANA À INDÍGENA****Gláucia Mara Lima Mesquita**

Acadêmica do 5º período do curso de
Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas.

E-mail: gmlm.ped19@uea.edu.br

Karine Costa do Nascimento

Acadêmica do 4º período do curso de
Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas.

E-mail: kcdn.ped20@uea.edu.br

Sara Brenda Lima Dias

Acadêmica do 5º período do curso de
Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas.

E-mail: sbld.ped19@uea.edu.br

Maria do Perpetuo Socorro Sotero da Silva

Formadora e pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq.
Coordenadora Pedagógica do PAD.
Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do
Magistério/DDPM/Semed/Manaus.

E-mail: mariaperpetuo.sotero@semed.manaus.am.gov.br

Jediã Ferreira Lima

Formadora e pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq.
Coordenadora Pedagógica do PAD.
Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do
Magistério/DDPM/Semed/Manaus.

E-mail: jedy.lima@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo refere-se aos relatos de experiências realizadas por nós, Assistentes docentes, do Projeto Assistência à Docência/AD, vinculado ao Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação - Lepete. Trata-se da realização de atividades em duas escolas do sistema municipal de educação da cidade de Manaus, sendo uma no meio urbano e outra no rural, que consistiu no desenvolvimento das atividades deixadas pelos professores quando de suas participações nas aulas do Curso de Pós-Graduação de Gestão de Projetos e Formação Docente, oferecido pelo projeto de Oficina de Formação em Serviço - OFS da Universidade do Estado do Amazonas - UEA em parceria com a Secretaria Municipal de Ensino - Semed, no período entre julho e outubro de 2021. Participaram das atividades crianças de turmas do ensino fundamental I, com idades entre 07 e 12 anos. O foco deste relato, além das atividades nas escolas, é narrar nossas trajetórias de vida pessoal e acadêmica até a entrada no Projeto AD, bem como nossas vivências teórico-práticas intertransdisciplinares e o nosso processo de profissionalização docente, além da troca de saberes com os colegas assistentes. Este relato apoia-se em autores

pertinentes à temática da formação de professores, alfabetização e letramento e Grafismo, tais como Freire, Soares e Vidal.

Palavras-chave: Experiência. Atividade. Interação.

ABSTRACT: This article refers to the reports of experiences carried out by us, Teaching Assistants - AD, in the Workshop Project of the Teaching, Research and Transdisciplinary Experiences in Education Laboratory - Lepete. It is about carrying out activities in two schools of the municipal education system in the city of Manaus, one in urban areas and the other in rural areas, which consisted in the development of activities left by the teachers when they participated in the Postgraduate Course classes. Project Management and Teacher Training, offered by the in-service Training Workshop - OFS project of the State University of Amazonas - UEA in partnership with the Municipal Education Department - Semed, in the period between July and October 2021. They participated in the activities children from elementary school classes, aged between 07 and 12 years old. The focus of this report, in addition to activities in schools, was to narrate our personal and academic life trajectories until entering the OFS/LEPETE/UEA Project, interdisciplinarity, transdisciplinarity and teacher professionalization, in addition to the exchange of knowledge with fellow assistants. This report is supported by authors relevant to the theme of teacher education, literacy and literacy, and graphic arts, such as Freire, Soares and Vidal.

Keywords: Experience. Activity. Interaction.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho fundamenta-se em nossas experiências desenvolvidas durante nossa trajetória para nos tornarmos docentes, especificamente, no **Projeto Oficina de Formação em Serviço/OFS**, atuando como bolsistas do **Projeto Assistência à Docência/PAD**, ambos desenvolvidos pelo Lepete, em que nos foi dada a oportunidade de adentrar ao mundo da educação e vivenciar a experiência em sala de aula, durante o período de julho a outubro de 2021, nas seguintes escolas: Escola Municipal Lígia Mesquita Fialho e Escola Indígena Municipal Kanata T-Kyua, respectivamente localizadas no bairro Coroado, zona urbana de Manaus e Comunidade 3 Unidos, zona rural. O PAD proporciona uma gama de vivências riquíssimas, e é considerado de suma importância pelo fato de o graduando em licenciatura necessitar conhecer a realidade na prática e começar a se estruturar de forma a compreender o processo de estabelecimento da relação entre a teoria e a prática. Assim como cita Paulo freire em sua obra póstuma *Pedagogia dos sonhos possíveis*:

Uma coisa continua em mim, como pessoa e como educador, quer pensando a prática educativa quer fazendo a prática educativa, é um profundo respeito à figura do educando, ao gosto do educando e à formação do educando (FREIRE, 2001, p. 232).

Neste trabalho apresentamos reflexões com base em experiências formativas vivenciadas por nós, nas atividades inerentes ao PAD. A partir de relatos, abordaremos um pouco das práticas que tivemos em sala e da interação com os alunos do Ensino Fundamental Anos Iniciais, através do projeto. Mas, para isso, precisamos partir do percurso que fizemos até a chegada ao Lepete.

JORNADA ACADÊMICA

Nesta etapa, será contado um pouco do caminho que cada uma de nós, autoras deste texto, fizemos até chegarmos ao Lepete.

Gláucia Mesquita

Eu, Gláucia Mesquita, iniciei minha alfabetização no Seminário São José na cidade de Tefé, interior do Amazonas. Aos 8 anos migrei para uma escola do estado para cursar o ensino fundamental, até a 4ª série. Dei continuidade aos estudos em outra escola onde fiquei até terminar o ensino médio. Saí de Tefé em 2002 para cursar minha primeira graduação pela UEA, na EST (Escola Superior de Tecnologia). Foi um período difícil, sozinha em Manaus até o ano de 2004, quando conheci meu ex-marido. Casei, tive minha primeira filha e continuei estudando. Quando nasceu meu segundo filho, tentei acompanhar as aulas na EST, porém um tempo depois eu descobri que meu filho tinha Espectro Autista, então optei por desistir da engenharia.

A pedagogia surgiu na minha vida como opção para uma graduação em 2016, quando meu filho entrou numa turma de classe especial e, ao ver a forma que a professora trabalhava com as crianças, me apaixonei. O vestibular veio em 2018, para então cursar pedagogia, pela UEA, e consegui aprovação. O porquê de não ter optado pelo vestibular em 2016? Bem, estava me separando neste ano, foi um período difícil, veio o Transtorno de Ansiedade, precisei cuidar de mim, fiz o tratamento e depois de um tempo consegui me erguer. O LEPETE entrou na minha vida em julho de 2019, estava iniciando o 2º período. E digo que foi um dos acertos mais significativos para minha formação, onde pude ter certeza que a pedagogia era o caminho que queria seguir.

Karine Nascimento

Eu, Karine Nascimento, nasci em Manaus, onde iniciei meus estudos no Centro Educacional Leão de Judá, escola perto da casa onde morava. Quando estava no sétimo ano, me mudei desta escola que era matriculada desde o primeiro período “A”. Fui fazer o oitavo ano numa escola em que a minha irmã terminou o ensino fundamental. Lá tive contato com dois professores que despertaram em mim o desejo de ser professora. O primeiro foi o professor Samuel, professor de história, tinha uma aula extremamente didática e usava o nosso cotidiano e o cotidiano dele para nos ensinar sobre história. A segunda foi

a professora de matemática, que em uma das atividades pediu para os alunos estudarem o assunto e explicassem como se fossem professores dando aula. Isso foi o que me despertou para a profissão.

Devido às experiências de vida, contato com pessoas, fui maturando a ideia de me tornar professora. Cheguei ao ensino médio, tive tempo de fazer as provas para passar em uma universidade pública, pedindo intervenção divina para que encaminhasse minhas escolhas. Fui fazer um *tour* por Manaus, através daquelas agências de turismo. Lá a professora que estava nos guiando contou sua trajetória de vida, disse que queria muito se formar em história e ouvindo conselhos de amigos e de professores, decidi fazer primeiramente pedagogia. Aquilo ficou por muito tempo na minha mente. Por fim, saíram os resultados das provas dos vestibulares, passei em licenciatura em história na UFAM (Universidade Federal do Amazonas), e passei em pedagogia pela UEA através do Sistema de Ingresso Seriado - SIS e Concurso Vestibular. Após refletir, decidi que cursar licenciatura em pedagogia seria a melhor escolha.

Já no terceiro período em 2021, tenho certeza que estou no caminho certo, me apaixonei realmente pela área. Fiz um voluntariado por dois meses em uma creche escola, e foi uma experiência fantástica, o contato com as crianças, entender como elas enxergam o mundo, ouvir o que elas dizem, como, por exemplo, “professora, eu te amo”, foi uma das maiores e melhores experiências para mim. Logo após o término do voluntariado surgiu a oportunidade de estagiar no LEPETE, e aqui estou, ansiosa para mais um ciclo, uma nova oportunidade de aprendizado para a carreira e vida pessoal. Experiências como o LEPETE mudam pensamentos e a forma como interpretamos a vida.

Sara Brenda Dias

Eu, Sara Brenda Dias, tenho ótimas lembranças da minha vida escolar. Iniciei minha vida acadêmica na Escola de Educação Infantil Dragões. Até onde me recordo foi uma alfabetização feliz, pois sempre gostei de ir à escola e interagir com os colegas. No Ensino Fundamental I mudei para uma escola municipal onde tive excelentes professores e experiências incríveis, foram momentos de grandes descobertas, aprendizados e lições que trago até hoje comigo. No ensino fundamental II mudei para a Escola Estadual Dr. José Milton Bandeira, onde tive ótimos professores, que inclusive me serviram de inspiração para minha vida profissional.

Durante meu percurso educacional fui percebendo que sempre tive afinidade e facilidade com a área de humanas, era e ainda é meu sonho cursar Licenciatura em História. Felizmente os professores me serviram de inspiração positiva e motivação para ser como eles. Após terminar meu ensino médio, me deparei com a frustração de não conseguir ser aprovada em nenhum vestibular. Comecei a fazer vários cursos profissionalizantes a fim de conseguir um emprego

para pagar uma universidade particular, até trabalhei durante um período e fiz um curso técnico no Instituto Federal do Amazonas (IFAM), e ao mesmo tempo comecei a fazer um preparatório para os vestibulares, fiz a prova do Concurso Vestibular, da UEA e fui aprovada no curso de Licenciatura em Pedagogia em 2019.

No início do segundo período (2019/2), o Lepete lançou edital para seu processo seletivo no projeto de Assistência à Docência, eu me interessei, pois já havia ouvido falar que as experiências eram únicas, então enviei meu currículo, fui convocada para participar da seleção, felizmente fui aprovada e me encontro até o momento no PAD, como Assistente de Docente/AD, colecionando vivências e aprendizados que, certamente, levarei tanto para a minha vida profissional quanto para a pessoal.

PRÁTICAS INTERCULTURAIS NA ASSISTÊNCIA À DOCÊNCIA

Prática 1 - A Escola Municipal Lígia Mesquita Fialho, localizada na área urbana de Manaus, no bairro do Coroado, com a turma do 1º ano do ensino fundamental, com um total de 6 alunos, na faixa etária entre 6 e 8 anos, ministrada pela professora Áurea Helena. A atividade que gerou essa experiência relatada foi orientada pela professora, a qual consistia em mostrar aos alunos um cartaz onde havia vários rótulos de embalagens colados. A proposta, já em andamento, era trabalhar e conhecer os conhecimentos prévios dos alunos e fazer uma junção com a alfabetização através da atividade de rótulos.

Todos os alunos com conhecimentos adquiridos no seu cotidiano, com sua família, amigos, televisão, que quando aproveitados pelo professor podem contribuir efetivamente para a alfabetização e letramento. Ao parafrasear Senna (2007), o ensino e aprendizagem ocorrem em diferentes ambientes, mas, se desenvolvidos dentro do espaço escolar, têm o diferencial de trazer ao aluno um saber organizado e que atenda a educação de forma eficiente.

Quando chegamos, os alunos já estavam escrevendo os nomes dos rótulos no caderno, então, a professora pediu para dar prosseguimento da seguinte forma: acompanhamos os alunos na cópia e, em seguida, trabalhamos com as informações que continham nas embalagens e do que se tratavam. Além disso, iniciamos o diálogo acerca da utilização do produto no dia a dia do aluno. Após os alunos copiarem os nomes de todos os rótulos, foi utilizada a lousa para desenvolver a atividade. Indagamos sobre a constância dos produtos em suas casas e todos conheciam tudo que estava exposto.

Desenhamos na lousa uma embalagem e questionamos os alunos, perguntando para que serviam todos os escritos e desenhos: Só para enfeitar? Existe outra finalidade? Qual? Por que precisamos ler o que está escrito? Explicamos para os alunos cada função das informações contidas nela, como o código de barras, o significado das letras diferentes, sobre a tabela nutricional, data de validade. Em seguida, solicitamos que cada aluno verificasse em cada embalagem as informações que havíamos acabado de mostrar.

Durante o desenvolvimento da atividade, buscamos chamar a atenção para o fato de que todas as características dos textos da embalagem têm o objetivo de atrair a atenção dos consumidores para que comprem o produto, e as demais informações tinham a função de manter os clientes informados a respeito da procedência do produto, tais como: local de fabricação, data de validade, ingredientes, entre outros. Para o aluno ser inserido no mundo da escrita, o ato de ensinar através de práticas sociais é o mais conveniente e efetivo, com isso, é possível que a criança utilize seus aprendizados no seu dia a dia, através da leitura e produção textual.

Nesse aspecto, “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno” (SOARES, 2003, p.13). Devem ser tomados cuidados no momento de alfabetizar, e, de acordo com a autora, ensinar apenas a ler e escrever não é o suficiente para se alcançar uma alfabetização plena. Deve-se focar em um aprendizado em que a criança seja capaz de desenvolver seu conhecimento em esfera social. Dessa forma, o uso de rótulos e embalagens parece apropriado, uma vez que faz parte da vivência e do cotidiano dos alunos e contém elementos da leitura e potencial para desencadear a escrita, podendo contribuir para a alfabetização.

Prática 2 - Na Escola Indígena Municipal Kanata T-Kyua, localizada na zona rural, comunidade Três Unidos, o relato de experiência vivenciada na turma do 4º/5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, apenas três 3 alunos compunham a turma na idade entre 9 e 10 anos. A regência de sala é ministrada pelo Prof. Thomé Cruz. Nesta turma, a atividade realizada consistia em Leitura e interpretação textual, na qual o processo se realizou através da leitura de um texto dirigido, indicado pelo Professor, que estava no livro didático dos alunos.

Após, a interpretação do texto, teve como base responder perguntas selecionadas. Irandé Antunes, em seu livro *Aula De Português: Encontro E Interação*, define a leitura como uma “atividade de interação entre indivíduos”, visto que temos presente o autor do texto e o leitor.

Através da leitura podemos ter acesso a novos conhecimentos ampliando assim nosso repertório pessoal. Através deste pensamento, a leitura foi feita de maneira que a interação coletiva fosse efetivada. Como havia na turma apenas três alunos, dois deles leram um parágrafo, e o terceiro leu dois parágrafos. Assim, foi iniciada a leitura pelo aluno que, naquele dia estava regressando à escola devido à pandemia, porém não foi excluído da atividade. Essa interação com os colegas foi importante para o seu desenvolvimento.

Havia um aluno que apresentava um pouco de dificuldade e de maneira muito tímida participava no momento de interação. Porém de modo motivador sempre estávamos encorajando-o a superar seus limites na leitura. E, com nosso auxílio para pronunciar algumas palavras, o aluno seguiu ampliando sua leitura e participação. Assim, cada um dos três alunos executou a leitura do texto de forma sequenciada.

Partindo para a interpretação textual, havia três questões relacionadas ao texto, então cinco minutos para eles responderem cada questão, as quais eram bem simples. Quando um deles apresentou um pouco de dificuldade, mas com a ajuda do colega conseguiu responder. Na verdade, o aluno conseguiu realizar a escrita das palavras, porém, quando se tratava de leitura, transcrição do conhecimento, dos pensamentos em forma de escrita espontânea para o papel, era sua dificuldade. O aluno em questão sentiu-se feliz ao interagir na atividade. Fato que muito nos alegrou em perceber, nos diversos momentos, como todos foram adquirindo desenvoltura quando juntos resolvíamos as atividades.

A correção da atividade foi feita de maneira em que a AD Gláucia perguntava a questão selecionada e eles davam as respostas de acordo como encontraram no texto. Conseguiram interpretar e responder as duas primeiras questões muito bem, porém na terceira foi auxiliado durante a correção. Ao final, sentimos que esta atividade foi enriquecedora.

Após o retorno da merenda, tivemos uma atividade sobre Grafismo, sugerida pela AD Gláucia, em meio a um pedido de desenho para ser levado de volta ao LEPETE.

Tivemos uma oficina sobre grafismo em uma disciplina do curso de Pedagogia. Vimos nas paredes gravuras de arte indígena e questionamos se eles haviam confeccionado. Eles afirmaram que não, que havia sido seu professor. Perguntamos se gostavam e sabiam fazê-lo. Disseram que não, mas queriam aprender. A arte era o grafismo. Lux Boelitz Vidal, colecionadora de cultura pioneira de estudos com índios na Amazônia e da etnoestética no país e antropóloga, descreve em seu livro *“Grafismo Indígena”* que:

É interessante notar que entre estilos de categoria definida pelas características técnicas dos grafismos e sua apresentação gráfica aparecem em certas diferenças temáticas menores ou a utilização de técnicas gráficas diferentes no tratamento de um mesmo tema. O tratamento técnico, as inovações temáticas e os agenciamentos gráficos refletem a manifestação criativa de cada comunidade (VIDAL, 2000, p. 21).

Então, decidimos explorar a atividade. Distribuímos folhas de papel A4 para dar início aos exercícios da atividade. O primeiro exercício consistia em trabalhar a coordenação da mão, para se familiarizar, desenhando em primeiro momento uma linha ondulada, no segundo momento traços na diagonal de forma simétrica, no terceiro momento uma mola na vertical e, no quarto momento, um segmento em forma de ondas, ou melhor especificando, um seguimento de *s* minúsculo de forma cursiva sem tirar o lápis da folha. Esse foi o primeiro exercício feito, que está relacionado com atividades de coordenação motora que geralmente são desenvolvidas desde a educação infantil, mas que são essenciais para os anos de estudos posteriores.

O segundo exercício foi aplicação das formas geométricas, que são as constituintes dos grafismos. A primeira é o círculo inteiro, seguido do quadrado e do triângulo, que são as formas primárias, e como derivadas delas temos estas formas com preenchimento, com traços e com espirais. Cada um deles realizado, partindo, assim, para as criações. As crianças começaram a desenhar, cada um em seu espaço com lápis de cores, grafite, régua, borracha. Criaram grafismos bem interessantes, cada um deles assinou o seu grafismo com o nome e a turma.

TROCA DE EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES

As atividades que nós participamos ao longo de dois anos (2019-2021) foram muitas, nas quais ocorreu a troca de experiências e aquisição de conhecimento, porém vamos destacar apenas algumas. Começando pelo dia de Formação, que era realizada todas as segundas-feiras, momento para nós, AD, relatarmos nossas experiências e adquirirmos conhecimentos, pois as formadoras traziam temas para discussão em grupo.

A Semana da Criança, que foi realizada na brinquedoteca do LEPETE, foi uma ação em comemoração ao dia das crianças, em que houve interação com crianças da escola Padre Calleri e, nós AD participamos de oficinas, dentre elas, estava a de psicomotricidade, com foco na inclusão, ministrada pela professora Cleide Meirelles. Também participamos do Seminário do Projeto Assistência à Docência, com o qual colaboramos de forma indireta, atuando na organização do evento que ocorreu na Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério - DDPM. Não podemos deixar de citar o projeto Ciência na Passarela, que foi um evento de apresentação final dos professores que participaram do projeto OFS do ano de 2019. Neste atuamos na organização do evento junto aos outros AD. O evento aconteceu na passarela em frente ao Amazonas Shopping, na Av. Darcy Vargas.

Pensando nos fundamentos teórico-metodológicos do Projeto Assistência à Docência, eles são pautados na interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e profissionalização docente. É evidente que a educação se torna mais efetiva se trabalhada de forma interdisciplinar, pois permite dialogar entre as diversas ciências, de modo a ser compreendida como um todo, e não por fragmentos. Para Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido*, a interdisciplinaridade é o processo metodológico de construção do conhecimento pelo sujeito com base em sua relação com o contexto, com a realidade, com sua cultura (FREIRE, 1993.)

Foram experiências incríveis, as quais consideramos serem imprescindíveis para nossa área de atuação. A troca de saberes se dava tanto nas formações que ocorriam na segunda-feira quanto nas práticas em sala de aula no desenvolvimento das atividades com outro AD. Os conhecimentos adquiridos tanto nas disciplinas estudadas durante o curso de Pedagogia e outros quanto nas oficinas realizadas no LEPETE.

Nosso sentimento é de estarmos confiantes de forma mais efetiva para atuar na aplicação e ressignificação das atividades com os alunos, bem como nos fortalecer enquanto AD. Pensando nesta troca, pois há colegas de outras

licenciaturas, há sempre a grandeza na interação e partilha de conhecimento dos saberes de outros cursos (biologia, educação física, matemática).

No que se refere à profissionalização docente, durante a interação com os alunos buscamos conquistar a confiança e afetividade dos estudantes, perguntando os seus *hobbies*, o que estavam sentindo, se saíam com os pais, se estavam gostando da atividade. Ao refletirmos sobre os pontos convergentes entre teoria e prática, observamos que nem sempre as crianças estão abertas à conversa, sendo difícil de conquistar sua confiança, o que requer muito diálogo e convívio.

E então entram as observações gerais sobre as maiores dificuldades no processo de ensino e aprendizagem, na leitura e escrita. Dessa forma, as coordenadoras do Projeto Assistência à Docência nos dizem que a proposta inicial em sala de aula é desenvolver a atividade disponibilizada pelo professor, podendo ressignificá-la e desdobrá-la, de modo a alcançar o objetivo e atender de forma efetiva os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as experiências relatadas neste texto, desde a nossa jornada acadêmica até a chegada ao LEPETE, passando pelas escolas como AD do projeto Assistência à Docência, é uma oportunidade única durante nossa graduação, pois atuamos de fato em sala de aula, orientados por uma equipe pedagógica do LEPETE para o desenvolvimento das atividades, bem como pelos próprios professores que participam do Curso de Pós-Graduação em Gestão de Projetos e Formação Docente.

Além disso, trabalhamos a interdisciplinaridade, aspecto relevante para a nossa profissão, pois vamos atuar em várias frentes e encarar as adversidades presentes na vida docente. Nessa perspectiva, a junção das diversas licenciaturas em um mesmo ambiente é riquíssima e nos promove a oportunidade de atuar em sala de aula, nos deixando seguras e realizadas em saber o que a profissão docente nos proporcionará. Como diz Paulo Freire (2015, p. 52), “Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele”. A trajetória continua e sabemos que há muito o que aprender e praticar. Assim, vamos mais além dele!

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

SENNA, Luiz. **Letramento**: princípios e processos. Curitiba: Ibpex, 2007.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, 2003.

VIDAL, Lux Boelitz. **Grafismo indígena**: estudos de antropologia estética. [S.l.: s.n.], 1992. APA.

ANEXOS

Figura 1- Assistência da Docência na Escola Indígena Kanata T-Ykua



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 2- Realização de atividades brincando com Grafism



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 3 - Assistência à Docência na Escola Lígia Mesquita Fialho



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 4 - Assistência à Docência explorando atividades com rótulos e embalagens



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.